

A Coparentalidade ao Longo do Desenvolvimento dos Filhos:
Estabilidade e Mudança no 1º e 6º Ano de Vida

Débora Augustin

Monografia apresentada como exigência parcial
do Curso de Graduação em Psicologia – sob orientação da
Profª . Drª. Giana Bitencourt Frizzo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Porto Alegre, dezembro de 2011

SUMÁRIO

| | Pág. |
|---|------|
| Resumo..... | 3 |
| Introdução..... | 4 |
| Família: conjugalidade e parentalidade..... | 5 |
| Coparentalidade..... | 7 |
| A coparentalidade ao longo do desenvolvimento da criança..... | 10 |
| Método..... | 11 |
| Participantes..... | 11 |
| Delineamento, Procedimentos e Instrumentos..... | 12 |
| Resultados..... | 13 |
| Discussão..... | 20 |
| Considerações Finais..... | 26 |
| Referências..... | 27 |
| Anexos..... | 30 |
| Anexo 1: Entrevista sobre a experiência da maternidade – 1o ano da criança.... | 30 |
| Anexo 2: Entrevista sobre a experiência da maternidade – 6o ano da criança.... | 32 |
| Anexo 3: Entrevista sobre a experiência da paternidade – 1o ano da criança..... | 34 |
| Anexo 4: Entrevista sobre a experiência da paternidade – 6o ano da criança..... | 36 |
| Anexo 5: Entrevista sobre o relacionamento conjugal – 1o ano da criança..... | 38 |
| Anexo 6: Entrevista sobre o relacionamento conjugal – 6o ano da criança..... | 39 |

RESUMO

A coparentalidade se define como o compartilhamento da parentalidade, ou seja, como os pais se dividem e se apoiam em relação à criação dos filhos, permeando aspectos como divisão de tarefas, liderança e apoio em relação aos papéis parentais. Este estudo investigou a questão da coparentalidade em duas famílias, comparando dois momentos diferentes: o primeiro e o sexto ano de vida da criança. Em ambos os momentos foram realizadas entrevistas com os pais e as mães sobre a experiência da maternidade/paternidade e sobre o relacionamento conjugal. Os resultados mostram que algumas características da relação coparental tendem a se manter ao longo do tempo, enquanto outras podem sofrer transformações no decorrer do desenvolvimento infantil, em função das diferentes necessidades e habilidades da criança.

ABSTRACT

Coparenting is defined as the sharing of parenting, for example, how parents divide and support regarding child rearing, in aspects such as division of household chores, childrearing tasks leadership and support in relation to parental roles. This study investigated the question of coparenting in two families, comparing two different times: the first and sixth years of the child's life. In both times interviews with the fathers and mothers were conducted about the experience of maternity/paternity and the marital relationship. The results indicated that some characteristics of the coparental relationship tend to persist over time, while others may be transformed in the course of child development, according to the different needs and abilities of the child.

INTRODUÇÃO

A coparentalidade pode ser definida como o compartilhamento da parentalidade. Refere-se, portanto, à maneira como os pais se dividem e se apoiam em relação aos papéis parentais, permeando questões de liderança e combinações a respeito de responsabilidades e tarefas relacionadas aos filhos. O termo coparentalidade se refere tanto à relação entre pais de casamentos ditos “intactos” quanto à relação que se estabelece após o divórcio. Os primeiros estudos sobre coparentalidade surgiram justamente no contexto de casais divorciados, sendo que a coparentalidade em famílias intactas só passou a ser investigada mais tarde (Frizzo, Kreutz, Schmidt, Piccinini & Bosa, 2005). O conceito de coparentalidade engloba tanto dimensões de cooperação quanto de antagonismo, revelando a forma como os componentes do sistema familiar se articulam e se apoiam em relação às intervenções com os filhos (Frizzo et al., 2005). Feinberg (2003) destacou que o termo coparentalidade não implica que os papéis parentais sejam igualmente divididos em termos de autoridade e responsabilidade. O grau de igualdade da relação coparental será acertado em cada caso pelos membros da díade parental, tendo influência, certamente, de seu contexto sociocultural.

Feinberg (2003) propõe quatro componentes básicos da coparentalidade: **(1) apoio versus depreciação nos papéis parentais**, ou seja, o quanto os pais se apoiam, valorizam e respeitam as competências e contribuições do outro, e como mantêm suas decisões e autoridade. Ou, em contrapartida, o quanto depreciam um ao outro, através de críticas e menosprezo das funções parentais e da culpabilização; **(2) acordo em relação à educação dos filhos**, incluindo questões relativas a valores morais, expectativas comportamentais, disciplina, segurança, padrões e prioridades educacionais e necessidades emocionais da criança; **(3) divisão do trabalho parental**, como as tarefas e responsabilidades relacionadas à rotina dos filhos e à manutenção da casa, bem como responsabilidades legais, médicas e financeiras relativas aos filhos. Nesse aspecto, é importante considerar não apenas a divisão do trabalho, mas também as expectativas e percepções dos pais e a flexibilidade das combinações; **(4) e gerenciamento das interações familiares**, que se coloca de três formas – o equilíbrio entre as interações dos membros da família, o controle dos pais sobre seus comportamentos e sobre sua comunicação um com o outro, e o estabelecimento de limites sobre aspectos do relacionamento dos pais, que pode tanto excluir os filhos dessa relação, quanto expô-los excessivamente a conflitos interparentais.

A coparentalidade se refere apenas às questões relacionadas aos filhos, não englobando outras dimensões da vida do casal ou de outros subsistemas familiares. Ela não pode ser compreendida, entretanto, de forma isolada, sem se considerar as demais questões familiares.

Família: conjugalidade e parentalidade

A família, segundo a teoria sistêmica, é um sistema aberto que influencia e é influenciado pelo seu contexto. Cada membro da família também afeta e é afetado pelo comportamento dos demais, sendo que estes processos têm consequências não só no desenvolvimento de cada indivíduo, mas do sistema como um todo. A família, portanto, deve ser compreendida como mais do que um somatório de suas partes. Para Minuchin (1982), a família é um sistema em transformação. Seu desenvolvimento depende da travessia de certo número de estádios, que sempre requerem reestruturação. Essa reestruturação se dá pela adaptação às mudanças, de forma a prosseguir e intensificar o crescimento psicossocial de cada um dos membros.

O matrimônio, base da constituição da família, se trata de um processo que envolve dois sistemas familiares diferentes. De acordo com Carter e McGoldrick (1995), no entanto, a conjugalidade não se refere apenas à união destes dois indivíduos, mas à modificação de dois sistemas inteiros e uma sobreposição que produz um terceiro subsistema. Este processo exige a diferenciação do sujeito de sua família de origem e o comprometimento com este novo sistema que está sendo construído. A constituição, pelo casal, dessa identidade compartilhada é influenciada por ideais de projetos conjugais e parentais.

Conjugalidade e parentalidade estão, assim, imbricadas na origem e no destino. Por um lado, a conjugalidade se constitui a partir dos modelos parentais, da parentalidade ancestral e, por outro, também está destinada a se desdobrar na parentalidade, na medida em que a sociedade e a família esperam que do casal conjugal seja derivado um novo casal parental (...). (Magalhães, 2009, p. 207 e 208).

A transição da conjugalidade para a parentalidade é um processo que exige

transformações na família. O ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, e esta visão é essencial para compreender o desenvolvimento do sujeito. O ciclo de vida familiar é composto por vários estágios, cada um com suas oportunidades e desafios, como a saída da casa dos pais, o casamento ou o nascimento dos filhos. Nos momentos de transição entre estes estágios o estresse familiar geralmente se intensifica, exigindo que a família se reorganize e que seus componentes assumam novos papéis distintos, possibilitando, assim, que a família se desenvolva (Carter & McGoldrick, 1995). Segundo Minuchin (1982), a evolução da família depende das várias fases pelas quais ela passará. Em cada uma dessas transições ocorre uma renegociação das regras familiares e a criação de novos subsistemas, o que pode provocar conflitos. As funções familiares, segundo o autor, se diferenciam e se produzem através dos subsistemas. Com o nascimento do primeiro filho de um casal, portanto, o subsistema conjugal precisa se diferenciar, a fim de desempenhar novas tarefas relacionadas à criação e à socialização de uma criança. O apoio mútuo do casal, que deveria caracterizar o subsistema conjugal, deve permanecer nessa transição para o subsistema parental. Minuchin (1982) ressalta ainda a importância da criação de fronteiras entre os subsistemas, que, neste caso, permitirão que a criança esteja próxima aos pais, embora sem se envolver com as questões conjugais.

A forma como se construirá a relação conjugal, assim como o bem-estar e a satisfação encontrados pelo casal, são fatores que podem predizer a qualidade da relação familiar que se desenvolverá posteriormente. A relação conjugal e a parentalidade são instâncias que estão relacionadas e interferem uma na outra. A revisão teórica de Erel e Burman (1995), por exemplo, indicou que a qualidade da relação conjugal tem efeitos importantes na qualidade das funções parentais, considerando que relações conjugais satisfatórias favorecem relações parentais mais positivas. Aspectos da conjugalidade como capacidade de adaptação às mudanças, conexão emocional, nível de conflito e satisfação do casal, por exemplo, se relacionam com a responsividade e, em parte, com a exigência com os filhos (Mosmann & Wagner, 2008). O estudo de Braz, Dessen e Silva (2005) constatou que a maioria dos casais entrevistados percebem a influência de suas relações maritais no relacionamento com os filhos. Os participantes apontaram que uma relação conjugal satisfatória influencia nas práticas educativas utilizadas com os filhos, na transmissão de amor e segurança a eles e no trabalho conjunto dos pais nas atividades de educação e cuidado dos filhos.

A transição da conjugalidade para a parentalidade parece também ser influenciada pela qualidade do relacionamento conjugal, como mostrou o estudo de Menezes e Lopes (2007). Segundo as autoras, o envolvimento afetivo do casal tende a se manter semelhante na parentalidade. Casais com envolvimento afetivo parecem perceber mais aspectos positivos nessa transição, conseguem reservar um tempo a sós e manter uma interação mais apoiadora, em comparação aos casais que apresentam um distanciamento afetivo. Os pais com relações conjugais mais positivas relataram ser também mais presentes e envolvidos com as funções paternas. Percebe-se, portanto, como a qualidade da relação existente em um subsistema reflete no funcionamento dos demais subsistemas. Essa característica parece ser válida tanto para as relações conjugais e parentais, como para a relação coparental desenvolvida na família.

Coparentalidade

Embora seja uma função diferenciada e tenha suas particularidades, a coparentalidade certamente é influenciada e influencia tanto aspectos individuais dos membros da família quanto aspectos das relações parentais e conjugais. Características individuais dos pais, como atitudes, questões emocionais e saúde mental, têm importante influência na coparentalidade. O estudo de Talbot e McHale (2004) mostra que pais mais flexíveis e mães com maior autocontrole, por exemplo, tendem a ter interações coparentais mais harmoniosas, cooperativas, calorosas e centradas nos filhos. Possíveis influências negativas das relações conjugais na coparentalidade podem também ser minimizadas pela capacidade de flexibilidade paterna.

As características individuais dos filhos parecem também influenciar a coparentalidade. Feinberg (2003) apontou que crianças com temperamento difícil induzem a um aumento do estresse e dos conflitos entre os pais. A educação de crianças com este temperamento tende a ser mais desafiadora e contar com mais fracassos, o que pode provocar mais críticas entre os pais, além de discórdias sobre as estratégias educativas. Esta relação entre coparentalidade e características individuais, no entanto, é certamente bidirecional. O estudo de Cheng et al. (2009), por exemplo, com crianças de nove meses de idade, sugeriu que estilos coparentais de apoio têm papel importante na promoção do desenvolvimento cognitivo (comunicação e linguagem receptiva) e social dos filhos.

A relação conjugal, da mesma forma que se relaciona à parentalidade, também

afeta e é afetada pela coparentalidade. Mesmo em famílias em que ocorreu o divórcio esse fator parece bastante relevante. Grzybowski e Wagner (2010), em seu estudo sobre a coparentalidade em pais divorciados, constataram que após a separação o exercício da coparentalidade é influenciado, principalmente, pelas características da conjugalidade e do vínculo emocional entre pais e filhos. A conjugalidade se refere ao vínculo que uniu o casal, aos sentimentos que tinham ou têm um pelo outro e à forma como ocorreu a separação, enquanto o vínculo pai-filho considera a proximidade da díade, os sentimentos do pai pelo filho e sua reciprocidade, antes e após o divórcio. Um bom relacionamento e um afeto positivo com o ex-cônjuge e com os filhos são fatores importantes para uma relação mais satisfatória e colaborativa.

Além dos fatores familiares, fatores extrafamiliares exercem também consequências no exercício da coparentalidade. Feinberg (2003) apontou que o suporte social é um fator protetivo importante, e que questões como problemas econômicos ou profissionais tendem a aumentar o estresse nas relações familiares, inclusive na coparentalidade.

As formas como os membros da dupla parental vivenciam a coparentalidade estão muito relacionadas. O estudo de Van Egeren e Hawkins (2004), que investigou as experiências de coparentalidade relatadas por mães e pais, revela que as experiências foram significativa e positivamente relacionadas. Os resultados sugerem, portanto, que em geral, quando um cônjuge respeita e apoia o outro, é provável que receba a mesma atitude em troca, o mesmo acontecendo com comportamentos negativos. O estudo aponta, ainda, alguns indicadores coparentais como preditores importantes para uma relação conjugal positiva, como a percepção dos pais de suporte e respeito, a percepção de que o casal está crescendo em função do nascimento do filho, a sensação de que o parceiro está contribuindo e que o casal está funcionando como uma unidade coparental. As críticas das mães em relação à competência e ao envolvimento dos pais, além disso, parecem ter importante influência na percepção destes sobre suas habilidades e sobre a relação coparental, o que em geral não ocorre com a autopercepção materna.

O estudo de Van Egeren (2004), no entanto, constatou que pais e mães experienciam a coparentalidade de maneiras diferentes, no que diz respeito aos sentimentos e aos comportamentos adotados nessa relação. De modo geral, os pais parecem estar mais satisfeitos com as relações de coparentalidade existentes entre o casal do que as mães. As mães tendem a se sentir menos apoiadas do que os pais, já que

se vêm fazendo mais tarefas relacionadas aos cuidados dos filhos do que esperavam, enquanto os pais acabam realizando menos tarefas do que imaginaram à princípio. Quando, no entanto, as mães retornam ao trabalho e a divisão dos cuidados com os filhos se torna mais próxima a suas expectativas, as mães em geral se sentem mais satisfeitas com a divisão de tarefas e mais apoiadas. As experiências de coparentalidade maternas parecem ser mais vulneráveis a mudanças contextuais em comparação às experiências paternas, além de serem prioritariamente influenciadas pelos sentimentos das mesmas a respeito da relação conjugal. A qualidade das experiências paternas de coparentalidade, por sua vez, é influenciada por mais fatores do que as maternas, incluindo o temperamento da criança. A habilidade de comunicação do pai, bem como suas demonstrações de afeto e apoio, se mostraram preditores importantes do quanto tanto os pais quanto as mães perceberam a relação coparental como positiva.

O compartilhamento dos papéis parentais, apesar de estar sofrendo modificações ao longo do tempo, ainda se espelha muito nas referências tradicionais, na qual a mãe era a principal responsável pelos cuidados e envolvimento com os filhos, enquanto o pai assumia o sustento da família. Jablonski (2010), em estudo com casais de classe média, apontou que a participação masculina no cuidado com os filhos ainda é menor que a das parceiras. As mulheres assumem a maior parte das tarefas e se mostram mais atuantes em relação a questões escolares e médicas, enquanto a participação dos homens em geral é complementar à da mulher. Há também discrepâncias quanto à percepção da divisão das tarefas, com homens percebendo sua atuação como mais relevante do que foi percebido pelas mulheres. Apesar de as mulheres se verem realizando mais tarefas do que seus cônjuges, a maioria dos participantes não considerou necessária uma mudança na divisão do trabalho. Em outro estudo, com 100 famílias de nível socioeconômico médio, percebeu-se a existência de dois grupos principais no que se refere à divisão das tarefas dos filhos: um no qual a mãe é a principal responsável pela educação da criança, enquanto o pai em geral o assume seu sustento; e outro no qual as tarefas são divididas entre pai e mãe (Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005). Esses dados mostram que, embora exista uma tendência de que os pais se tornem cada vez mais participativos, os papéis tradicionais ainda têm uma presença importante em nossa cultura.

Em relação às semelhanças e diferenças dos padrões de relacionamento maternos e paternos, Braz et al. (2005), em seu estudo com 14 famílias com filhos de

quatro a cinco anos, observaram que tanto os pais quanto as mães entrevistados exercem autoridade sobre os filhos, mas eles utilizam estratégias diferenciadas. Os pais tendem a usar mais punição verbal do que as mães, enquanto estas inibem mais a liberdade e negam mais algo almejado pelas crianças do que os pais. No que se refere aos valores transmitidos, as mães consideram a educação, o respeito, a afetividade e a obediência como os valores mais importantes, enquanto os pais dão mais importância ao ensino dos valores morais e ao estímulo ao estudo. Ambos parecem concordar, entretanto, que é necessário dar acesso à educação formal, orientar e disciplinar, dar afeto e suporte emocional, manter um bom relacionamento familiar, bem como prover o sustento dos filhos. As discordâncias entre os pais se referem às estratégias de socialização, como a rigidez ou flexibilidade das punições físicas ou verbais e o oferecimento de reforçadores primários aos filhos, como presentes e doces, e às práticas parentais relativas à alimentação dos filhos.

A coparentalidade ao longo do desenvolvimento da criança

A criança, ao longo de seu desenvolvimento, apresenta características e necessidades diferenciadas de acordo com a fase em que se encontra. A forma como a família se relaciona é certamente influenciada por esse processo, precisando se adaptar conforme ela cresce e desenvolve novas aptidões. Estudo sobre as práticas educativas maternas e paternas aos 24, 36 e 72 meses dos filhos (Marin, Piccinini & Tudge, 2011), sugeriu que as práticas educativas apresentam tanto estabilidade quanto mudanças ao longo do desenvolvimento dos filhos. Os valores parentais tendem a se manter, preservando um padrão de relacionamento estável ao longo do tempo. À medida que a criança cresce, entretanto, as expectativas e regras dos pais tendem a mudar para se adaptar às necessidades e habilidades dos filhos. Os autores perceberam, por exemplo, que os pais tendem a utilizar mais práticas indutivas com os filhos à medida que eles crescem, como o maior uso de explicação e negociação, o que provavelmente está relacionado à atribuição de maior competência ou responsabilidade aos filhos de acordo com sua maturidade. Em outro trabalho semelhante, investigando as práticas educativas aos 18 e 24 meses da criança (Alvarenga, Piccinini, Frizzo, Lopes & Tudge, 2009), percebeu-se que entre os dois momentos as mães modificaram mais suas práticas educativas do que os pais, fazendo mais uso de práticas indutivas e coercitivas. Considerou-se que essa diferença pode ser decorrente do maior envolvimento das mães

com os filhos, nesse primeiro momento, estando mais suscetíveis às mudanças de suas crianças. O maior uso de práticas coercitivas pelas mães aos 24 meses parece ocorrer porque nesse momento as crianças desenvolvem a assertividade.

O nascimento do primeiro filho e seu primeiro ano de vida retratam a transição da conjugalidade para a parentalidade. Este é um momento especial e de muitas transformações, que exige que o casal se reorganize e assuma novos papéis. Ao longo do desenvolvimento da criança, a família passa por novas transições e adaptações. O momento de entrada da criança na escola, por exemplo, representa um marco importante de separação dos pais e socialização no mundo extra-familiar. Mussen, Conger e Kagan (1977) apontam que para muitas crianças a entrada na escola se refere à primeira separação da mãe, tendo papel importante na redução dos vínculos de dependência com a família. Essa é uma transição importante que exige adaptação tanto da criança quanto da família. Os autores destacam ainda a importância desse momento em função do desenvolvimento cognitivo que a escola oportuniza e por ser um dos principais agentes socializadores de nossa sociedade. O estudo de Marturano, Trivellato-Ferreira e Gardinal (2009) mostrou que a entrada na primeira série em geral é estressante para as crianças, especialmente nos domínios da relação com os colegas e das demandas não acadêmicas. As crianças com experiência prévia na Educação Infantil, entretanto, referem níveis menores de estresse. Segundo Bee (1996), o momento de transição da idade pré-escolar para a escolar parece ser o momento da infância média em que as mudanças ocorrem mais rapidamente. Percebeu-se em muitas culturas que a criança de seis anos é qualitativamente diferente de uma de cinco anos, por ser mais responsável e ter mais condições de compreender ideias complexas. Essas mudanças certamente influenciam na relação da criança com os pais e na forma como eles lidarão com ela.

As diferentes fases do desenvolvimento infantil, portanto, apresentam grandes e rápidas transformações. Considerando a importância destes momentos de transição e as diferenças percebidas em cada estágio da criança, este estudo visa investigar como pais e mães exercem a coparentalidade em dois momentos importantes do ciclo vital: o primeiro e o sexto ano de vida da criança.

MÉTODO

Participantes:

Participaram deste estudo duas famílias residentes na cidade de Porto Alegre. As

famílias selecionadas faziam parte do projeto intitulado "*O impacto da psicoterapia para a depressão materna e para a interação pais-bebê: Estudo longitudinal do nascimento ao segundo ano de vida do bebê – PSICDEMA*" (Piccinini et al., 2003), que acompanhou 22 famílias com mães com depressão pós-parto e 5 famílias como grupo de comparação. As famílias selecionadas no atual estudo provinham do grupo de comparação, ou seja, as mães não apresentavam indicadores de depressão.

A Família 1, no primeiro momento, era composta pela esposa, 28 anos, pelo marido, 30 anos, e pela filha, que se encontrava em seu primeiro ano de vida. Um dos cônjuges tinha ainda uma filha de outro casamento, de oito anos de idade. Ambos os cônjuges tinham ensino superior completo e profissão compatível com a escolaridade. No segundo momento a estrutura familiar se manteve, mas a profissão do pai passou a exigir viagens frequentes, sendo que ele passava de três a quatro dias por semana longe de casa.

A Família 2, no primeiro momento, era composta pela esposa, 30 anos, pelo marido, 32 anos, e pelo filho, que se encontrava em seu primeiro ano de vida. Ambos os cônjuges tinham ensino superior completo e profissão compatível com a escolaridade. No segundo momento a família contava com um novo de bebê, na época com cinco meses de vida.

Delineamento, Procedimentos e Instrumentos

Foi utilizado um delineamento de estudo de casos coletivo (Stake, 1994) para investigar como a coparentalidade estava sendo vivenciada nas duas famílias, no primeiro e no sexto ano de vida da criança. Optou-se por estes dois momentos por representarem etapas importantes de transição na família.

As mães responderam à *Entrevista sobre experiência da maternidade* (GIDEP & NUDIF, 2003a – anexos 1 e 2), que tinha por objetivo investigar os sentimentos da mãe a respeito da maternidade, e os pais responderam à *Entrevista sobre a experiência da paternidade* (GIDEP & NUDIF, 2003b – anexos 3 e 4), que buscava investigar os sentimentos do pai a respeito da paternidade. Ambos responderam também à *Entrevista sobre o relacionamento conjugal* (GIDEP & NUDIF, 2003c – anexo 5), que abordava a qualidade do relacionamento conjugal após o nascimento do bebê, a sexualidade, a comunicação e os sentimentos dos cônjuges em relação ao companheiro. Os instrumentos foram modificados para se adequar aos dois momentos da pesquisa.

O Projeto Longitudinal do qual o presente estudo faz parte, foi aprovado por diversos comitês de ética (Hospital de Clínicas de Porto Alegre/ Proc. nº 03-068, 14.02.2003; Hospital Materno Infantil Presidente Vargas/Proc. nº05-03, 02.04.2003; UFRGS/Proc. nº200396, 15.05.2003), tendo sido considerado adequado e metodologicamente de acordo com a resolução 196/96 de Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

Todas as entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas através de análise de conteúdo qualitativa (Laville & Dionne, 1999). As categorias foram baseadas em três dos quatro componentes básicos da coparentalidade propostos por Feinberg (2003), que são o apoio ou depreciação nos papéis parentais, o acordo em relação à educação dos filhos, a divisão do trabalho parental e o gerenciamento das interações familiares. O quarto componente, o gerenciamento das interações familiares, não foi analisado pela impossibilidade de se obter esse dado apenas a partir dos relatos das entrevistas. As categorias temáticas que nortearam a análise das entrevistas foram as seguintes: (1) *apoio versus depreciação nos papéis parentais*; (2) *acordo em relação à educação dos filhos*; e (3) *divisão do trabalho parental*, sendo que esta última inclui (a) *a divisão das tarefas e responsabilidades*, (b) *a divisão das despesas* e (c) *a satisfação em relação à divisão do trabalho*.¹

Apoio versus depreciação nos papéis parentais

Essa categoria refere-se a quanto os pais se apoiam nos papéis parentais, valorizando e respeitando as contribuições e decisões um do outro, ou quanto se depreciam, através de críticas, boicote e culpabilização. Nesse aspecto, observou-se que na Família 1, no primeiro ano de vida do bebê, os pais se mostraram apoiadores. Ambos revelavam ter admiração um pelo outro, valorizando a dedicação e interesse de seu cônjuge pela filha, além de demonstrarem confiança em relação aos cuidados do parceiro com ela. Nesse sentido, o pai destacou sentir mais segurança em função da prévia experiência em maternidade da parceira. O pai valorizava ainda, neste momento, o estímulo oferecido pela parceira para que ele participasse e se aproximasse da filha, o

¹ Não se utilizou vinhetas nesse artigo a fim de preservar a confidencialidade das entrevistas. Visa-se, dessa forma, evitar a identificação dos casais nas falas, considerando que as entrevistas foram realizadas em separado.

incluindo nos cuidados, aceitando que realizasse as tarefas a seu próprio modo e destacando o quanto a filha gostava do pai.

Ainda na Família 1, no sexto ano da criança, percebia-se que o apoio mútuo se manteve, com as mesmas características de admiração e confiança de ambos os cônjuges. A confiança, nesse momento, não se referiu apenas aos cuidados com a filha, mas deu ênfase também a aspectos da educação. O pai apontou, por exemplo, que tinha também confiança em relação às determinações da mãe e à boa base de educação oferecida por ela à filha, percebendo que a parceira também confiava em seus conselhos a respeito da educação da criança.

Na Família 2, no primeiro ano do bebê, o pai demonstrava admiração pela parceira, considerando-a atenciosa e carinhosa e se dizendo positivamente surpreso com sua atuação como mãe, apesar de não concordar com ela em todos os aspectos. A mãe, por sua vez, reclamou da pouca participação e envolvimento do pai com o filho. Assumiu ainda se sentir insegura em relação a seus cuidados com o bebê e admitiu não dar-lhe espaço para auxiliar, sendo muito crítica quando ele se dispunha a realizar as tarefas. O pai, em função dessas críticas, disse sentir-se pouco apoiado a lidar com o filho a seu próprio modo. O pai relatou que tanto ele quanto a parceira estavam mais críticos e impacientes um com o outro desde o nascimento do filho, cobrando muito algumas atitudes e auxílio e sendo intolerantes com falhas em relação ao bebê. O pai admitiu que também se comportava dessa forma, mas percebia essas atitudes com mais frequência na parceira, provavelmente por ela assumir mais cuidados com o filho.

Nesta mesma família, aos seis anos da criança, se percebeu que a mãe valorizou mais a atuação do parceiro como pai, considerando-o um grande pai, capaz de fazer qualquer coisa pelo filho. O pai a considerou também uma mãe atenciosa, afetuosa, atenta e firme, quando necessário, embora acreditasse que ela fosse muito exigente em alguns aspectos. O pai descreveu a esposa como bastante crítica e sentiu que ela depreciava algumas de suas escolhas, como as relacionadas a alimentação e vestuário do filho. A mãe novamente admitiu ser crítica e não confiar totalmente nos cuidados do pai com o filho, considerando necessário supervisioná-los. Apesar de compreender que o pai pudesse se sentir acuado por essa sua atitude, se mostrou incomodada por ele não tomar as decisões em relação ao filho sozinho.

Acordo em relação à educação dos filhos

Essa categoria se refere ao acordo ou desacordo dos pais em diferentes pontos relacionados à educação dos filhos, como valores morais, expectativas comportamentais, disciplina, prioridades educacionais e padrões de atendimento às necessidades da criança, tanto físicas quanto emocionais. Na Família 1, no primeiro ano do bebê, os pais apontaram que em geral existia acordo em relação à forma de educar a filha. O pai referiu que quando existia alguma discórdia, o casal em geral conseguia chegar a um consenso ou combinava que em alguns momentos se guiariam pelas ideias dele e em outros momentos pelas ideias da mãe. No sexto ano de vida da criança, o acordo em relação à criação dos filhos se manteve e o pai percebeu que ambos tinham as mesmas preocupações ao cuidar dos filhos, mantendo sempre interesse e dedicação em relação a eles. O pai destacou ainda que ele e a esposa conversavam muito sobre a educação dos filhos e confiavam um no outro em relação a isso.

Na Família 2, no primeiro ano de vida do bebê, os pais destacaram alguns pontos de desacordo do dia a dia. O pai não concordava com a insistência da mãe em relação à alimentação do bebê ou para que este fizesse algo que não quisesse. O pai disse ainda cuidar para que a janta do bebê fosse cedo, enquanto a mãe nem sempre se preocupava com isso. Por outro lado, o pai acreditava que às vezes ele poderia dormir sem banho, enquanto a mãe preferia não dispensar este cuidado. A mãe referiu ainda evitar discutir em frente ao bebê, sendo que o parceiro considerava que nada deveria ser escondido do filho. No segundo momento, aos seis anos da criança, a mãe considerava que não havia grandes desacordos entre o casal no que se referia à educação. Percebia, entretanto, que o pai tendia a apresentar um padrão de cuidado extremo com o filho, enquanto ela pensava que se podia dar mais espaço à criança. A questão da alimentação se manteve, com o pai criticando que a esposa impusesse que o filho se alimentasse. O pai considerava importante que tudo fosse muito bem explicado e conversado com o filho, enquanto a mãe considerava que, às vezes, o pai exagerasse nas explicações.

Divisão do trabalho parental

Essa categoria se refere a como os pais dividem tarefas e responsabilidades relacionadas aos filhos e à manutenção da casa, bem como responsabilidades financeiras relativas aos filhos. Considera-se também nesse aspecto a flexibilidade das combinações e as expectativas e a satisfação dos pais em relação a essa divisão. Essa categoria é

dividida nas três subcategorias seguintes a fim de facilitar o relato:

(a) divisão das tarefas e responsabilidades em relação aos filhos

Na Família 1, no primeiro momento, a divisão das tarefas ocorreu naturalmente, sem uma combinação prévia, de acordo com a necessidade e possibilidade dos pais. Os pais procuravam trabalhar em cooperação, se revezando e auxiliando um ao outro sempre que percebiam a necessidade. O pai e a mãe relataram que o trabalho era dividido de forma bem equilibrada e ambos realizavam todas as atividades relacionadas à filha, exceto a amamentação. Como a família tinha também uma menina mais velha, do casamento anterior de um dos cônjuges, muitas vezes o casal se dividia para que cada um atendesse a uma das crianças.

Nesta família, aos seis anos da criança, a situação se apresentava um pouco modificada. O pai, em função de sua profissão, se ausentava de três a quatro dias por semana, o que exigiu mudanças na divisão do trabalho parental. Nesse momento, a mãe assumia todos os cuidados no período em que o pai estava viajando e o pai assumia praticamente todas as tarefas nos dias em que estava presente, embora não existisse uma rigidez quanto a isso e a mãe auxiliasse quando necessário. Todas as tarefas, portanto, eram exercidas pelos dois, em momentos diferentes. Essa combinação ocorreu para que o trabalho com os filhos ficasse mais equilibrado e a mãe não se sentisse sobrecarregada, mas também pelo desejo do pai de estar mais participativo e mais próximo à filha nesses momentos. A mãe considerava que existia cooperação entre o casal e percebia o pai como atento à sua necessidade de auxílio, já que muitas vezes ele se prontificava a ajudar antes mesmo de qualquer pedido. Algumas decisões esperavam o pai retornar para serem acertadas. O pai apontou que ao longo do desenvolvimento da filha algumas tarefas foram divididas entre o casal de acordo com a segurança de cada um para realizá-las. Ele lembra, por exemplo, que no momento em que a filha ingressou na creche, ele mesmo a acompanhou em sua adaptação, já que a mãe se sentia um tanto insegura para esse momento de separação. O pai explicou que, por se sentir mais tranquilo em relação a isso, conseguiu também passar mais segurança à filha.

Na Família 2, no primeiro ano do bebê, a mãe trabalhava e estudava, o pai estava concluindo uma graduação e a família contava com a ajuda de uma babá. Apesar desse auxílio, a mãe se dizia sobrecarregada com os cuidados do bebê, por sentir pouco apoio por parte do parceiro. Segundo ela, o pai a auxiliava bastante, ficava próximo, mas

nunca cuidava do filho sozinho, sendo que ela precisava assumir todos os seus cuidados. Considerava-o pouco participativo e envolvido com o filho. O pai admitiu passar menos tempo com o filho do que gostaria, em função da alta exigência da faculdade, mas disse assumir alguns cuidados em relação a ele, especialmente à noite. Revelou também que em alguns momentos tinha dificuldade em assumir o filho por perceber que quando este chorava, ele não conseguia acalmá-lo. Em compensação, disse apoiar totalmente a esposa, realizando todas as demais tarefas, como limpar a casa, preparar as refeições, lavar roupa, preparar o banho e a cama do filho, auxiliar nos cuidados com ele, brincar, entre outros. Admitiu não assumir cuidados como cortar as unhas e limpar o nariz do bebê, por temer machucá-lo. O pai percebia que sua parceira era bastante ativa e assumia muitos cuidados do filho, mas apontou que ela tendia a exigir muito auxílio, mesmo que provavelmente não precisasse. De madrugada, geralmente eram os dois que levantavam – o pai preparava a mamadeira e a lavava depois, a mãe dava o leite para o bebê. O pai expressou a sensação de impotência em relação à amamentação do filho quando esta ainda era no peito.

No sexto ano de vida do filho, na Família 2, a mãe apontou que em geral ela se dedicava mais a tarefas relacionadas à alimentação, higiene e escola, enquanto o pai ficava com a parte de lazer e brincadeiras. Alguns meses antes da entrevista, entretanto, com o nascimento do segundo filho do casal, a divisão das tarefas teve que sofrer mudanças, sendo que o pai passou a se dedicar mais ao filho mais velho e a mãe ao bebê. O pai dava atenção e brincava com o filho quando chegavam em casa, geralmente era responsável pelo banho, por oferecer a janta, o leite da noite e cuidar dos temas. Também o buscava na escola sempre que possível. A escolha das roupas e da alimentação geralmente ficava sob responsabilidade da mãe, assim como alguns outros cuidados de higiene (cortar as unhas, por exemplo). O pai relatou que o casal buscava ser participativo em relação à educação do filho e que, em sua escola, eles eram uma das poucas famílias em que tanto o pai quanto a mãe compareciam às reuniões e avaliações.

(b) a divisão das despesas relacionadas aos filhos

Na Família 1, tanto no primeiro quanto no segundo momento analisados, as despesas eram tratadas de forma conjunta. O dinheiro recebido tanto pelo pai quanto pela mãe era considerado dinheiro da família e, da mesma forma, as despesas eram assumidas pelos dois, sem uma divisão determinada. Aos seis anos da criança, no

entanto, a mãe apontou que por questão de organização, em geral o pai se responsabilizava por despesas maiores, como o pagamento da escola, e a mãe pelas menores, como vestuário, mas sem rigidez.

Na Família 2, no primeiro ano do bebê, o casal trouxe informações divergentes em relação à divisão das despesas com o filho. A mãe declarou assumir todas as despesas, já que seu parceiro, neste momento, estava apenas estudando e não tinha um salário. O pai, por sua vez, garantiu que apesar de não trabalhar, tinha uma reserva de dinheiro da época em que estava empregado, conseguindo se responsabilizar por metade das despesas. Segundo ele, portanto, as despesas eram tratadas em conjunto, sendo que quem tinha mais condições no momento se responsabilizava pelo pagamento. Aos seis anos da criança, ambos concordaram que as despesas eram assumidas pelos dois, sem uma divisão rígida dos ganhos e dos gastos do casal. Em geral, entretanto, o pai se responsabilizava pelo pagamento do colégio e outras contas, enquanto a mãe assumia as compras de alimentação, vestuário e pagamento dos empregados da casa.

(c) a satisfação em relação à divisão do trabalho

Na Família 1, no primeiro ano de vida da filha, a mãe se mostrou satisfeita com a participação e o apoio do pai nos cuidados da criança, considerando este auxílio necessário e justo. O pai se mostrou também satisfeito em participar ativamente das atividades com a filha, tanto nos cuidados quanto nas brincadeiras, e considerava importante que os dois trabalhassem juntos. Aos seis anos da filha a situação era semelhante. A mãe se declarou satisfeita com a divisão das tarefas e o pai garantiu valorizar muito os momentos em que cuidava e dava atenção à filha. Declarou, ainda, estar também bastante satisfeito com a atuação da mãe.

Na Família 2, no primeiro ano do bebê, a mãe se mostrou insatisfeita com a atuação e o envolvimento do pai com o filho. Ao mesmo tempo, entretanto, pensava que devia ser compreensiva, considerando que este era um momento especial, em que ele precisava se dedicar aos estudos, e que isso melhoraria quando ele terminasse a faculdade e voltasse a trabalhar. Acreditava que, em vista da situação atual do parceiro, ele fazia o melhor possível em relação ao filho. O pai se disse também chateado por não ter mais tempo para dar atenção ao filho. Percebia também que a esposa estava insatisfeita com sua participação, já que recebia frequentes reclamações e exigências por parte dela.

No sexto ano de vida da criança, por outro lado, a mãe se mostrava satisfeita em relação à participação do pai, considerando-o bastante dedicado e envolvido em brincadeiras e passeios com o filho. Em relação aos cuidados básicos, apesar de perceber que assumia muitas destas tarefas, se disse satisfeita com a divisão combinada entre o casal, por considerar que este tipo de atividades são normalmente desenvolvidas pela mãe. O pai se mostrou também satisfeito com a divisão de tarefas. Queixou-se, no entanto, em função de que algumas vezes o casal dividia todas as tarefas do filho, enquanto os consertos da casa eram sempre assumidos somente pelo pai.

Síntese

É possível observar que na Família 1 o padrão de relacionamento se manteve bastante semelhante nas duas fases analisadas. Algumas mudanças práticas ocorreram entre estes dois momentos, como o novo emprego do pai, que exigiu que ele estivesse ausente alguns dias da semana. O padrão de cooperação e apoio entre os pais, entretanto, esteve sempre presente. O pai, que era participativo quando a filha ainda era bebê, conseguiu manejar a rotina, junto à sua parceira, de maneira que pudesse continuar desempenhando ativamente seu papel parental no segundo momento, apesar de estar distante parte da semana. Percebe-se que este padrão se estabeleceu pelo interesse do pai em se envolver e também pelo estímulo da mãe para que pai e filha estivessem próximos. A confiança e a admiração entre o pai e a mãe da Família 1, no que se refere aos papéis parentais, se manteve nos dois momentos, mas é visível que houve uma transformação destas questões ao longo do desenvolvimento da criança. Enquanto no primeiro momento essa confiança diz respeito principalmente aos cuidados práticos com o bebê, no segundo momento percebe-se uma valorização das questões educativas e do exemplo que os pais oferecem aos filhos. Em relação ao acordo na educação dos filhos, em ambos os momentos os pais revelaram que em geral concordavam na forma de criar a filha e manejavam bem os desacordos.

Na Família 2, se percebe uma mudança maior em relação ao padrão coparental entre os dois momentos. No primeiro momento, a mãe se mostrou mais insatisfeita com a participação do parceiro, sentindo-se sobrecarregada com os cuidados do filho. O pai admitiu também ser menos participativo. Apesar de haver motivos práticos para esse menor envolvimento, como a pouca disponibilidade do pai em função da alta exigência de sua graduação, percebem-se também outros pontos importantes. O pai explicou, por

exemplo, que muitas vezes não conseguia tomar conta do filho por não ser capaz de acalmá-lo quando ele chorava, tornando-se muito dependente da parceira em muitos destes cuidados. Apesar de o pai se mostrar dedicado, realizando todas as demais tarefas que estavam ao seu alcance, o fato de não conseguir cuidar sozinho do filho acabou sobrecarregando a mãe, que reclamou, em certo momento, de não poder sair de casa nem por um instante se a babá não estivesse presente. Aos seis anos do filho, entretanto, tanto o pai quanto a mãe se mostraram mais satisfeitos com a divisão das tarefas. Apesar de algumas tarefas ainda serem de responsabilidade apenas da mãe, como certos cuidados com higiene e alimentação, o pai conseguiu assumir uma área bem importante da vida do filho, que diz respeito aos momentos de trocas e de lazer. Em relação ao apoio coparental, nos dois momentos a mãe se mostrou crítica e não totalmente confiante na atuação do pai. No segundo momento, entretanto, essa atitude pode ter sido mais sutil, já que a mãe demonstrou valorizar mais a atuação do pai. Em relação à educação dos filhos, nos dois momentos os pais apontaram alguns desacordos. Alguns pontos se mantiveram, como a divergência em relação à alimentação da criança, mas a maior parte das discórdias se modificaram ao longo do tempo.

DISCUSSÃO

Visando comparar a forma como se estabelece a coparentalidade no primeiro e no sexto ano de vida da criança, primeiramente serão discutidos os aspectos mais relevantes encontrados nas categorias analisadas e posteriormente serão comentados alguns aspectos gerais sobre a coparentalidade nos dois casos.

Em relação ao apoio ou depreciação nos papéis parentais, na Família 1 o apoio entre os pais se manteve semelhante nos dois momentos, com características de valorização, admiração e confiança entre os pais. Como apontaram Van Egeren e Hawkins (2004), existe uma relação positiva entre as experiências de coparentalidade dos pais e mães, sendo que quando um cônjuge respeita e apoia o outro, é provável que receba a mesma atitude em troca. Percebe-se na Família 1, entretanto, uma mudança nos aspectos valorizados pelo pai na atuação da esposa. Pode-se pensar que isso reflita uma modificação da percepção dos pais sobre o que é importante na criação das crianças. No primeiro ano de vida é provável que a confiança no cônjuge em relação aos papéis parentais diga respeito, principalmente, aos cuidados básicos com o bebê, já que suas necessidades estão mais centradas na alimentação e cuidados com a higiene. Já aos seis

anos, a criança exige mais em termos de educação, o que pode promover uma maior valorização de aspectos como comunicação e socialização, ensino de valores morais, obediência e desenvolvimento intelectual.

Na Família 2, embora tenham ocorrido mudanças na relação coparental ao longo do desenvolvimento da criança e a mãe tenha afirmado valorizar mais a atuação do pai no segundo momento, outras características relativas ao apoio/depreciação no casal se mantiveram. No segundo momento, mesmo considerando o envolvimento do pai como mais positivo, a mãe se mostrava ainda crítica em relação a algumas de suas escolhas e pouco confiante em relação à atuação do pai, admitindo considerar necessário supervisioná-lo em algumas tarefas. É visível, portanto, que embora algumas características da relação coparental se modifiquem, outras tendem a ser mais estáveis. No caso da Família 2, algumas características individuais dos genitores, como a tendência da mãe a ser exigente e crítica, parecem ter se mantido semelhantes ao longo do tempo. Segundo Talbot e McHale (2004), essas características individuais têm grande influência na relação coparental. Na Família 2, no primeiro ano da criança, vemos que o pai se mostrava inseguro em relação aos cuidados de seu bebê, considerando-se incapaz de acalmá-lo em alguns momentos e necessitando do auxílio da esposa. A esposa, apesar de desejar que o pai participasse e se envolvesse mais com o filho, parece ter alimentando sua insegurança, já que admitia ser crítica, exigente e ter pouca confiança em relação à sua atuação, o que pode ter acabado afastando-o. Essa situação é semelhante ao que observaram McBride e Rane (1998) em seu estudo, em que constatam que a percepção dos genitores em relação à aliança parental é um preditor importante do envolvimento do pai na criação dos filhos. Quando a mãe confia nas habilidades parentais do pai, este tende a se envolver mais e ser mais responsável com os filhos. No caso da Família 1, é provável que a intensa dedicação e envolvimento do pai com a filha sejam explicados tanto pelo interesse do pai quanto pelo apoio da mãe, que oportunizou e incentivou sua aproximação e participação.

O pai da Família 2 relatou ainda que após o nascimento do filho tanto ele quanto a esposa se tornaram mais críticos e intolerantes um com o outro, especialmente em relação ao bebê. Essa nova forma de interação parece se referir não apenas a características individuais do pai e da mãe, mas também a um processo de reorganização familiar. Como já apontado, as transições familiares e a formação de novos subsistemas geram conflitos e exigem mudanças nos antigos padrões da família

(Carter & McGoldrick, 1995; Minuchin, 1982). Belsky, Spanier e Rovine (1983) já haviam constatado que o nascimento de um filho tende a causar impacto negativo na relação conjugal, principalmente logo nos primeiros meses após o nascimento. A Família 2, portanto, parece ter buscado um novo padrão de relação a partir da chegada do filho, valorizando o espaço dessa criança e se tornando mais exigente em função das responsabilidades e demandas que surgem com a parentalidade. Em vista disso, é necessário considerar o significado desse momento para cada uma das famílias entrevistadas e as diferenças percebidas entre elas. A transição para a parentalidade exige que os adultos avancem uma geração e se tornem cuidadores da geração mais jovem. Essa mudança de papéis muitas vezes é enfrentada com dificuldade, podendo gerar conflitos entre o casal em relação aos cuidados e responsabilidades e até mesmo recusa ou incapacidade de assumir esse papel (Carter & McGoldrick, 1995). No presente estudo, podemos pensar na hipótese de que a Família 1, por ter uma experiência prévia de parentalidade (mesmo que a criança fosse filha de apenas um dos cônjuges), poderia estar mais preparada e organizada para a vinda dessa nova criança, o que explicaria o menor grau de conflitos relatados e a maior satisfação com a organização das tarefas, em comparação com a Família 2.

Na questão do acordo em relação à educação dos filhos, na Família 1 os pais apontaram, nos dois momentos, que em geral existia acordo em relação à criação da filha. O pai relatou, no segundo momento, que o casal costumava conversar com frequência sobre estas questões, que normalmente conseguiam resolver as divergências e que confiavam um no outro. A comunicação e a confiança entre o casal, nesse caso, parecem facilitar os acordos, bem como auxiliar na resolução de conflitos. Na Família 2 são relatados alguns desacordos no dois momentos, como em relação à alimentação ou à forma de lidar com o filho (explicações e cuidados em excesso, etc). Os conflitos relativos à alimentação, inclusive, parecem ser um desacordo comum entre os pais, como mostrou o estudo de Braz et al. (2005). Percebe-se, entretanto, que mesmo havendo discórdias, estas não eram significativas a ponto de causarem conflitos maiores. O mesmo estudo de Braz et al. (2005), ao investigar os valores que os pais consideram mais importantes a serem transmitidos aos filhos, constatou que para as mães, o respeito, a afetividade e a obediência são os valores mais importantes, enquanto os pais valorizam especialmente a transmissão de valores morais e o estímulo ao estudo e às atividades acadêmicas. A partir desses dados, podemos cogitar que os desacordos

percebidos na Família 2, embora relevantes, não produziam conflitos graves justamente por não se referirem a valores considerados tão centrais para os pais. Os problemas referiam-se, por exemplo, a formas diferentes de realizar as tarefas, mas não a divergências em relação a crenças ou valores morais. Além disso, também podemos compreender que o mais importante não é ausência de conflitos, mas sim a forma como eles podem ser resolvidos (Walsh, 2002). Segundo essa autora, casais ditos saudáveis têm mais facilidade de identificar e resolver os problemas, além de apresentarem mais sentimentos de confiança, tolerância em relação às diferenças e abertura para experimentar novas soluções, o que talvez seja característico dos casos aqui apresentados.

Em relação à divisão do trabalho parental, na Família 2 é relatado um aumento da participação do pai com a criança em seu sexto ano de vida. A divisão de tarefas entre os pais, que no primeiro ano do bebê causava insatisfação na mãe, passou a ser mais equilibrada no segundo momento. Sobre este aspecto, é possível considerar alguns fatores, como a segurança do pai para lidar com o filho e sua identificação com as tarefas exigidas por ele. Aos seis anos, por exemplo, a criança valoriza muito os momentos de jogos e brincadeiras, atividades que o pai da Família 2 afirmou realizar com prazer. Como já comentado anteriormente, as necessidades da criança mudam ao longo de seu desenvolvimento, exigindo também algumas mudanças nas práticas parentais (Alvarenga et al., 2009; Marin et al., 2011). No primeiro ano de vida, o bebê é um ser frágil e totalmente dependente de seus cuidadores. Aos seis anos de idade, a criança já não depende tanto dos cuidados dos pais e existe maior diversidade de atividades e mais formas de interação possíveis, considerando as importantes mudanças ocorridas nessa fase em termos de responsabilidade e capacidade de compreensão (Bee, 1996). A mãe da Família 1 concordava que esta segunda fase é um momento diferenciado, considerando que com seis anos a criança está mais independente, já sabe se comunicar e informar suas necessidades e desejos. Há, portanto, mais possibilidades de trocas entre pais e filhos. Tendo em vista que as necessidades e habilidades da criança se modificam ao longo de seu desenvolvimento, e que alguns pais e mães se identificam mais com determinados tipos de tarefas e interações, podemos compreender que a atuação deles em cada fase da vida do filho possa também ser diferente, provocando uma reorganização da divisão das tarefas. Além do desenvolvimento infantil em si, cogitou-se que a entrada na escola poderia também refletir nas relações

familiares, por ser um marco de transição importante na família (Mussen et al., 1977). Os relatos, no entanto, não revelaram questões significativas relacionadas ao ingresso escolar. Considerando que ambas as crianças já frequentavam creches antes da entrada na escola formal, é possível que esse momento significativo de separação da família tenha ocorrido antecipadamente nos dois casos analisados. Essa entrada precoce na escola, segundo Marturano et al. (2009), torna o ingresso na primeira série menos estressante, que parece ter sido a situação dessas duas famílias.

Além do interesse dos pais e de sua confiança sobre suas habilidades em relação aos cuidados da criança, outro fator determinante da divisão de tarefas são as reais possibilidades dos pais proverem as necessidades dos filhos. Um exemplo óbvio disso é questão da amamentação no peito, que por questões biológicas é tarefa exclusiva da mãe. O pai da Família 1 declarou, no primeiro ano de seu bebê, que dividia todas as tarefas com a parceira, exceto a amamentação, em função de sua impossibilidade. O pai da Família 2, nesse mesmo sentido, relatou se sentir impotente em função de a amamentação ser uma tarefa exclusiva da esposa, sentindo falta desta troca tão íntima com o filho. Percebe-se que, nesse caso, duas questões podem surgir: a mãe pode se sentir sobrecarregada, por ter total responsabilidade sobre a alimentação do bebê, bem como o pai pode se sentir excluído por não ter a chance de participar deste momento.

Esse sentimento de exclusão é também um aspecto importante da relação entre pais e filhos. Brazelton e Cramer (1992) lembram que a gravidez da parceira e a chegada do filho provocam muitos sentimentos ambivalentes nos pais, sendo que muitos se sentem excluídos dessa relação, abandonados pela esposa e apresentam até mesmo sentimentos de rivalidade ou hostilidade em relação a ela e ao bebê. Esses sentimentos, associados ao receio de não serem capazes de prover proteção e cuidado ao filho, podem levar os pais a se distanciarem em seu papel parental. Este aspecto pode ter também induzido o pai da Família 2 a se mostrar menos participativo no primeiro ano do filho, em comparação ao momento em que ele completa seis anos. Além das questões particulares do casal, é evidente que tanto a cultura quanto a literatura sempre deram ênfase à relação mãe-bebê, deixando a relação do pai com o filho em segundo plano. Nesse sentido, podemos visualizar essa questão na consulta realizada na base de dados WebScience, referente ao período de 2003 a 2006, que identificou a existência de 1740 artigos relativos ao assunto “a gravidez e a mãe”, enquanto somente 145 artigos abordavam o tema “a gravidez e o pai” (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007). A crença

de que a mãe é mais habilidosa e mais importante para a criança nesse primeiro ano certamente influencia a forma como o pai vai se inserir nessa relação. Bornholdt et al. (2007) constataram que os pais relatam momentos de exclusão durante a gestação e desenvolvimento dos filhos, embora justifiquem esse fato com questões relacionadas às diferenças de gênero, como a maior facilidade das mulheres no cuidado com os filhos e a necessidade dos homens se voltarem mais ao trabalho. Todos os pais, entretanto, revelaram o desejo de estarem mais próximos e participativos nesse período.

Algumas características dos relacionamentos na Família 2 podem ainda estar relacionadas a questões situacionais de cada uma das fases analisadas. No primeiro momento, todas as transformações advindas com a parentalidade surgiram em um contexto em que a o pai não trabalhava, apenas estudava, enquanto a mãe se afastava dos estudos e de dois empregos em função da licença maternidade. É possível que estivesse havendo uma desvalorização do pai, tanto pela percepção da esposa quanto dele próprio. Essa hipótese poderia explicar a discrepância nos relatos sobre a divisão das despesas, nos quais o pai afirmou contribuir financeiramente, enquanto a mãe apontou assumir todas as despesas sozinha. Nesse caso, a desvalorização do pai pode ter influenciado tanto na percepção da mãe sobre sua participação no trabalho parental, como no real envolvimento do pai com o filho.

De modo geral, embora na Família 2 tenham se percebido alguns desacordos, críticas e insatisfação com a divisão de tarefas, especialmente no primeiro momento, percebe-se que no segundo momento os pais se mostraram mais organizados e satisfeitos com a divisão do trabalho, além de valorizarem mais a atuação um do outro. Na Família 1, a satisfação com a divisão do trabalho e o apoio mútuo estiveram sempre presentes. Van Egeren e Hawkins (2004) apontaram que alguns aspectos positivos da relação coparental refletem na qualidade da relação conjugal. É provável que a coparentalidade de caráter mais positivo, observado nas duas famílias aos seis anos da criança, tenha sido influenciada e tenha também influenciado em uma relação conjugal mais satisfatória. Esse aspecto pode explicar porque ambos os casais permanecem juntos anos depois do nascimento dos filhos.

É importante ressaltar que os diferentes componentes da coparentalidade se mostraram relacionados em alguns aspectos. Na Família 2, por exemplo, o pouco apoio e confiança da mãe no parceiro parece ter provocado um afastamento do pai, causando insatisfação da própria mãe em relação à divisão do trabalho parental, no primeiro ano

de vida da criança. Esse dado revela a importância de se considerar os diferentes componentes da coparentalidade, mas também a relação como um todo, já que muitas questões estão relacionadas. É válido ressaltar, entretanto, que a qualidade de um componente não necessariamente prediz a qualidade dos demais aspectos ou da relação de forma geral. Como apontou Feinberg (2003), embora os componentes da coparentalidade sejam moderadamente associados, as relações entre eles variam entre as famílias. Ou seja, é possível que uma família apresente elevado grau de desacordo em relação à criação dos filhos, mas ainda assim consiga manter uma relação de apoio.

Embora estudos mostrem que a divisão do trabalho parental ainda seja muito próximo às referências tradicionais, nas quais o pai era o principal responsável pelo sustento da família, enquanto a mãe assumia mais tarefas relativas aos filhos (Jablonski, 2010; Wagner et al., 2005), as famílias entrevistadas no presente estudo apresentaram padrões diferenciados, com pais mais participativos e envolvidos com os filhos. Importante destacar que nessas famílias ambos os membros do casal trabalhavam e auxiliavam financeiramente o sustento da família. Essa parece ser uma tendência atual, que o trabalho parental e doméstico passe a se mais dividido entre o casal, inclusive pelo crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho (Wagner et al., 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dois casos analisados, percebe-se que os fatores relacionados à coparentalidade podem tanto sofrer mudanças como se manter estáveis ao longo do desenvolvimento da criança. Aspectos relacionados às características individuais dos pais tendem a se manter nas diferentes fases, como a tendência a criticarem ou valorizarem as atuações um do outro. Podem, entretanto, ocorrer mudanças na relação coparental em função das diferentes necessidades e habilidades das crianças à medida que crescem, exigindo também diferentes capacidades dos pais e mães. A participação e responsabilização dos genitores sobre os filhos depende, portanto, de muitos aspectos: suas habilidades e sua segurança para realizar as tarefas, o interesse em se envolver na criação dos filhos, o espaço que encontram na relação para se inserir, o apoio do outro membro parental.

Percebe-se a importância de mais estudos sobre a temática da coparentalidade, considerando a relevância deste subsistema familiar para o desenvolvimento saudável da família e, segundo Cheng et al. (2009), também para o desenvolvimento cognitivo e

social dos filhos. Para finalizar, cabe ressaltar algumas potencialidades e limitações desse estudo. Entre os pontos fortes, pode-se considerar a realização de entrevistas com ambos os membros do casal, possibilitando captar as diferentes percepções do pai e da mãe sobre a relação coparental. O fato de ser um estudo longitudinal enriquece também este trabalho, especialmente por haver poucos estudos desse tipo a respeito da coparentalidade. Em contrapartida, é importante salientar como limitação o fato de os dois casos analisados apresentarem configurações diferenciadas. Percebe-se a relevância de se considerar também a satisfação conjugal nas famílias, relacionando este aspecto com características da relação coparental. Novos estudos poderiam, ainda, comparar a relação coparental de casais que se separam com a relação coparental de casais que permanecem juntos, avaliando as maiores dificuldades encontradas pelos casais e o momento em que estas ocorreram.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, P., Piccinini, C.A., Frizzo, G.B., Lopes, R.S. & Tudge, J. (2009). Estabilidade e Mudanças nas Práticas Educativas de Mães e Pais dos 18 para os 24 Meses de Vida da Criança. *Interação em Psicologia*, 13(2), 253-262.
- Bee, H. (1996). *A criança em desenvolvimento*. Tradução de M.A.V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Belsky, J., Spanier, G. & Rovine, M. (1983). Stability and change in marriage across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 45 (3), 567-577.
- Bornholdt, E.A., Wagner, A. & Staudt, A.C.P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19 (1), 75-92.
- Braz, M.P., Dessen, M.A. & Silva, N.L.P. (2005). Relações Conjugais e Parentais: Uma Comparação entre Famílias de Classes Sociais Baixa e Média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2), 151-161.
- Brazelton, T.B. & Cramer, B.G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cheng, S., Maeda, T., Tomiwa, K., Yamakawa, N., Koeda, T., Kawai, M., et al. (2009). Contribution of Parenting Factors to the Developmental Attainment of 9-Month-Old Infants: Results From the Japan Children's Study. *Journal of Epidemiology*, 19

- (6), 319-327.
- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of Marital Relations and Parent-Child Relations: A Meta-Analytic Review. *Psychological Bulletin*, 118 (1), 108-132.
- Feinberg, M.E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3 (2), 95-131.
- Frizzo, G., Kreutz, C., Schmidt, C., Piccinini, C. & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15, 84-94.
- Grzybowski, L.S. & Wagner, A. (2010). Casa do Pai, Casa da Mãe: A Coparentalidade após o Divórcio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (1), 77-87.
- Grupo de Pesquisa em Infância, Desenvolvimento e Psicopatologia., & Núcleo de Infância e Família. (2003a). *Entrevista sobre experiência da maternidade*. Manuscrito não-publicado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, RS.
- Grupo de Pesquisa em Infância, Desenvolvimento e Psicopatologia., & Núcleo de Infância e Família. (2003b). *Entrevista sobre experiência da paternidade*. Manuscrito não-publicado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, RS.
- Grupo de Pesquisa em Infância, Desenvolvimento e Psicopatologia., & Núcleo de Infância e Família. (2003c). *Entrevista sobre relacionamento conjugal*. Manuscrito não-publicado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, RS.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: ciência e profissão*, 30 (2), 262-275.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Magalhães, A.S. (2009). Conjugalidade e Parentalidade na Clínica com Famílias. Em: Féres-Carneiro, T. (org.), *Casal e Família: Permanências e Rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Marin, A. H., Piccinini, C. A. & Tudge, J. R. H. (2011). Estabilidade e Mudança nas Práticas Educativas Maternas e Paternas ao Longo dos Anos Pré-Escolares da Criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (1), 71-79.

- Marturano, E. M. , Trivellato-Ferreira, M. C. & Gardinal, E. C. (2009). Estresse Cotidiano na Transição da 1ª Série: Percepção dos Alunos e Associação com Desempenho e Ajustamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 93-101.
- McBride, B.A. & Rane, T.R. (1998). Parenting alliance as a predictor of father involvement: An exploratory study. *Family Relations: Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 47 (3), 229-236.
- Menezes, C.C. & Lopes, R.C.S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, 12 (1), 83-93.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mosmann, C. & Wagner, A. (2008). Dimensiones de la conyugalidad y de la parentalidad: un modelo correlacional. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 10 (2), 79-103.
- Piccinini, C., Prado, L., Lopes, R., Schwengber, D., Alfaya, C., Frizzo, G., et al. (2003). *O impacto da psicoterapia para a depressão materna e para a interação pais-bebê: Estudo longitudinal do nascimento ao segundo ano de vida do bebê*. Manuscrito não-publicado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, RS.
- Stake, R.E. (1994). Case studies. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 236-247). London: Sage.
- Talbot, J.A. & McHale, J.P. (2004). Individual Parental Adjustment Moderates the Relationship Between Marital and Coparenting Quality. *Journal of Adult Development*, 11 (3), 191-205.
- Van Egeren, L.A. (2004). The development of the coparenting relationship over the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal*, 25 (5), 453-477.
- Van Egeren, L.A. & Hawkins, D.P. (2004). Coming to Terms With Coparenting: Implications of Definition and Measurement. *Journal of Adult Development*, 11 (3), 165-178.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 181-186.
- Walsh, F. (2002). Casais saudáveis e casais disfuncionais: qual a diferença? Em: Andolfi, M. (Org.). *A crise do casal - uma perspectiva sistêmico-relacional* (pp.13-28). Porto Alegre: Artmed.

Anexo 1

ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE

1º ano de vida da criança
(GIDEP/NUDIF - 09/2003)

I. Eu gostaria que tu me falasse sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como tu descreverias o jeito do teu bebê? Como é lidar com ele?
2. Era como tu imaginavas? (*se não era*) O que está diferente?
3. Como tu vês a comunicação entre vocês dois?
4. Tu sentes que já é possível entender o que ele expressa?
5. O que é mais fácil e mais difícil de entender? Como tu sabes que entendeste o teu bebê?
6. Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados com o bebê? Como tu te sentes?
7. Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
8. Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
9. O que tu achas que mais agrada ao teu bebê quando ele está contigo? Por quê?
10. E o que mais o desagrada? Por quê?
11. Tu costumavas brincar com o bebê? Com que frequência? Do que vocês brincam? Como ele reage a essas brincadeiras? Como te sentes?

II. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe pela primeira vez.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como tu estás te sentindo como mãe?
2. O que mais te agrada em ser mãe?
3. E o que é mais difícil para ti?
4. Em alguns momentos te sentes mais preocupada com o bebê? Quais? Tu imaginavas que seria assim? Como tu te sentes?
5. O que mudou para ti agora que és mãe?
6. Alguma coisa mudou no teu casamento? O que? Como te sentes?
7. Alguma coisa mudou na tua vida profissional? Como te sentes?
8. Alguma coisa mudou no teu relacionamento com tua mãe e teu pai? Como te sentes?
9. Como tu te vês ou te descreves como mãe?
10. Existe algum modelo de mãe que tu segues? Quem? O que consideras positivo neste modelo?
11. Existe algum modelo de mãe que tu evitas seguir? Quem? O que consideras negativo neste modelo?
12. Como a tua mãe (ou outro cuidador) te cuidava quando tu eras bebê? O que tu lembras? E o teu bebê, tu cuidas parecido ou diferente dela?
13. Como as pessoas te vêem como mãe?

III. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo o teu companheiro como pai.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como é o jeito dele lidar com o bebê?
2. Como tu achas que ele está sendo como pai? Esta sendo como tu imaginavas?
3. Ele te ajuda nos cuidados com o bebê? Como? Que atividades ele realiza com o bebê? Te sentes satisfeita com essa ajuda?
4. Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados com o bebê?
5. Como é para ti pedir essa ajuda?
6. Como te sentes quando ele cuida do bebê?
7. O que mais te agrada nessa ajuda? E o que te incomoda?
8. Quanto tempo ele passa por dia com o bebê?
9. Como vocês lidam com a questão das despesas em relação ao bebê? O pai assumiu alguma despesa? Que outras responsabilidades ele assumiu?
10. Como imaginas que ele te vê como mãe?

IV. Eu gostaria que tu me falasse se outras pessoas te ajudam a cuidar do bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Quem costuma te ajudar? Como é a ajuda dessa pessoa? Quantas horas esta pessoa fica com o bebê?
2. Tu pedes a ajuda dessa pessoa nos cuidados com o bebê?
3. Como é para ti pedir essa ajuda? Como tu te sentes?

4. Tu te sentes apoiada por essa pessoa?
5. O que mais te agrada nessa ajuda? E o que te incomoda?
6. Como imaginas que essa pessoa te vê como mãe?
7. Tem alguém que atrapalha o teu relacionamento com o bebê? (*em caso afirmativo*):
Quem? O que essa pessoa faz que te desagrada?

V. O bebê foi para a creche?

(Caso não tenha mencionado e se o bebê foi para a creche)

1. Com que idade? Como tu te sentiste? Tu tiveste alguma dificuldade nesse período?
2. Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
3. Como foi a adaptação dele? Ele apresentou alguma dificuldade?
4. Por que vocês escolheram colocar na creche?

(Caso o bebê não tenha ido para a creche):

5. Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche?
6. Quando? Por que escolheram colocar na creche?
7. Como tu achas que ele vai reagir?
8. Como tu achas que tu vais te sentir?

Obs: Adaptada de GIDEP (1998) por Aline Grill Gomes, Cesar A. Piccinini, Cristiane Alfaya, Daniela Schwengber, Giana Frizzo,

Iara Sotto Mayor, Laura Prohnow, Milena da Rosa Silva e Rita Sobreira Lopes (em ordem alfabética).

Anexo 2

ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE

6º ano de vida da criança

(baseada em GIDEP/NUDIF - 09/2003)

I. Agora, então, que o teu filho já está com 6 anos, eu gostaria que tu me falasse sobre o teu dia-a-dia com tua criança.*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. Como tu descreverias o jeito de ser dela? Como é lidar com ela?
2. Era como tu imaginavas? (*se não era*) O que está diferente?
3. Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados da (nome criança)? Como tu te sentes?
4. Que coisas tu mais gostas de fazer com ela? Por quê?
5. Que coisas tu menos gostas de fazer com ela? Por quê?
6. O que tu achas que mais agrada (nome da criança) quando ela está contigo? Por quê?
7. E o que mais a desagrada? Por quê?
8. Tu costumava brincar com (nome criança)? Com que frequência? Do que vocês brincam? Normalmente, quem escolhe a brincadeira? De que ela mais gosta de brincar?
9. O (nome criança) é obediente? O que é mais fácil de ela obedecer? O que é mais difícil?
10. O que é necessário fazeres para que (nome criança) te obedeça?
11. Como é o sono da (nome criança)? Ela dorme bem? É mais agitada, mais tranqüila? Como pega no sono?
12. Como é a alimentação da (nome da criança)? Ela come bem (em quantidade e variedade)? Quem dá a comida par ela?
13. Como foi a retirada de fraldas da (nome da criança)? E, hoje, ela controla bem o cocô e o xixi? Acontece de ela fazer xixi na cama? Com que frequência?
14. Ela usou bico e mamadeira? Ela ainda usa algum deles? Como foi a retirada? Quando isso ocorreu? Como ela reagiu?
15. Como foi o desenvolvimento motor dela? Caminhar, correr, pular...
16. Quando ela falou as primeiras palavras? Vocês lembra qual foi a primeira?

II. A (nome criança) está na escola, né?!*(Caso não tenha mencionado e se a criança foi para a creche)*

17. Com que idade ela foi a escola/creche? Como tu te sentiste? Tu tiveste alguma dificuldade nesse período?
18. Como foi a adaptação dela? Ela apresentou alguma dificuldade?
19. Quantas horas ela ficava na creche?
20. Quantas horas ela fica agora na escola? (se fica um turno: Onde ela fica no outro turno? Com quem?)
21. Por que vocês escolheram colocar nessa escola?
22. Em que série ela está agora?
23. Como é o relacionamento dela com os colegas? Ela tem um “melhor amigo”? Ela tem um grupo de amigos?
24. Como ela está indo na escola? Como foram as avaliações ao longo do ano?

III. A (nome da criança) tem irmãos?

25. Como é o relacionamento dela com os irmãos? É mais nova ou mais velha? Quantos são?
26. Eles costumam brincar? Do que eles brincam?
27. Eles brigam? Com que frequência? Qual motivo mais freqüente? Como as brigas terminam/se resolvem?

IV. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe.*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

28. Como tu estás te sentindo como mãe?
29. O que mais te agrada em ser mãe?
30. E o que é mais difícil para ti?
31. Em alguns momentos te sentes mais preocupada com (nome criança)? Quais? Tu imaginavas que seria assim?
32. O que mudou para ti agora que és mãe de uma criança de 6 anos?

33. Alguma coisa mudou no teu casamento? O que?
34. Alguma coisa mudou na tua vida profissional?
35. Alguma coisa mudou no teu relacionamento com tua mãe e teu pai
36. Como tu te vês ou te descreves como mãe agora?
37. Existe algum modelo de mãe que tu segues? Quem? O que consideras positivo neste modelo?
38. Existe algum modelo de mãe que tu evitas seguir? Quem? O que consideras negativo neste modelo?
39. Como a tua mãe (ou outro cuidador) te cuidava quando tu tinhas 6 anos? O que tu lembras?
E o (nome criança), tu cuidas parecido ou diferente dela?
40. Como tu achas que as pessoas te vêem como mãe?

V. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo o teu companheiro como pai.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

41. Como é o jeito dele lidar com (nome criança)?
42. Como tu achas que ele está sendo como pai? Esta sendo como tu imaginavas?
43. Ele participa dos cuidados com (nome criança)? Como? Que atividades ele realiza ? Te sentes satisfeita com a participação dele?
44. Tu solicitas a ajuda dele nos cuidados com (nome criança)?
45. Como é para ti pedir essa ajuda?
46. Como te sentes quando ele cuida do (nome criança)?
47. O que mais te agrada quando ele cuida do (nome criança)? E o que te incomoda?
48. Quanto tempo ele passa por dia com (nome criança)?
49. Como vocês lidam com a questão das despesas em relação ao (nome criança)? O pai assumiu alguma despesa? Que outras responsabilidades ele assumiu?
50. Como imaginas que ele te vê como mãe?

VI. Eu gostaria que tu me falasse se outras pessoas cuidam da (nome criança).

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

51. Quem costuma cuidar da (nome criança)? Quantas horas esta pessoa fica com (nome criança)? O que elas fazem nesse tempo?
52. A (nome criança) gosta de ficar com essa pessoa? Tu confias nessa pessoa?
53. Tu te sentes apoiada por essa pessoa?
54. O que mais te agrada quando essa pessoa fica com (nome criança)? E o que te incomoda?
55. Como imaginas que essa pessoa te vê como mãe?

Anexo 3

ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE

1º ano de vida da criança

(GIDEP/NUDIF – UFRGS, 2004)

I. Eu gostaria que tu me falasse sobre o teu dia-a-dia com o bebê.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como tu descreverias o jeito do teu bebê? Como é lidar com ele?
2. Está sendo como tu imaginavas? *(se não era)* O que está diferente?
3. Como tu vês a comunicação entre vocês dois?
4. Tu sentes que já é possível entender o que ele expressa?
5. O que é mais fácil e mais difícil de entender? Como tu sabes que tu entendeste o teu bebê?
6. Que atividades tu tens realizado com o bebê? Tu tens assumido tarefas em relação aos cuidados dele? *(Se sim)* Quais? Como tu te sentes?
7. Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
8. Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
9. Quanto tempo tu ficas, por dia, com o teu bebê?
10. O que tu achas que mais agrada ao teu bebê quando ele está contigo? Por quê?
11. E o que mais o desagrada? Por quê?
12. Tu costumavas brincar com o bebê? Com que frequência? Do que vocês brincam? Como ele reage a essas brincadeiras? Como te sentes?
13. Como vocês lidam com a questão das despesas em relação ao bebê? Tu assumiste alguma despesa? Que outras responsabilidades tu assumiste?

II. Gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai pela primeira vez.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

14. Como tu estás te sentindo como pai?
15. O que mais te agrada em ser pai?
16. E o que é mais difícil para ti?
17. Em alguns momentos te sentes mais preocupado com o bebê? Quais? Tu imaginavas que seria assim? Como tu te sentes?
18. O que mudou para ti agora que és pai?
19. Alguma coisa mudou no teu casamento? O que? Como te sentes?
20. Alguma coisa mudou na tua vida profissional? Como te sentes?
21. Alguma coisa mudou no teu relacionamento com tua mãe e teu pai? Como te sentes?
22. Alguma coisa mudou no teu relacionamento com teus amigos? Como te sentes?
23. Como tu te vês ou te descreves como pai?
24. Existe algum modelo de pai que tu segues? Quem? O que consideras positivo neste modelo?
25. Existe algum modelo de pai que tu evitas seguir? Quem? O que consideras negativo neste modelo?
26. Como o teu pai (ou outro cuidador) te cuidava quando tu eras bebê? O que tu lembras? E o teu bebê, tu cuidas parecido ou diferente dele?
27. E a tua mãe (ou outro cuidador), como ela te cuidava quando tu eras bebê? O que tu lembras? E o teu bebê, tu cuidas parecido ou diferente dela?
28. Como as pessoas te vêem como pai?

III. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo a tua companheira como mãe.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

29. Como é o jeito dela lidar com o bebê?
30. Como tu achas que ela está sendo como mãe? Era como tu imaginavas?
31. Ela te solicita ajuda nos cuidados com o bebê? O que ela solicita? Como te sentes quando ela pede essa ajuda?
32. Tu achas que ela está satisfeita com a tua ajuda?
33. Como imaginas que ela te vê como pai?

IV. O bebê foi para a creche?

(Caso o bebê tenha ido para a creche:)

34. Com que idade? Como tu te sentiste? Tu tiveste alguma dificuldade nesse período?
35. Quantas horas ele ficava na creche? Quantas horas ele fica agora?
36. Como foi a adaptação dele? Ele apresentou alguma dificuldade?
37. Por que vocês escolheram colocar na creche?

(Caso o bebê não tenha ido para a creche:)

38. Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche? Quando?
39. Por que escolheram colocar na creche?
40. Como tu achas que ele vai reagir? Como tu achas que tu vais te sentir?

Obs: Adaptada de GIDEP (1998) por Aline Grill Gomes, Cesar A. Piccinini, Cristiane Alfaya, Daniela Schwengber, Giana Frizzo,

Iara Sotto Mayor, Laura Prohnow, Milena da Rosa Silva e Rita Sobreira Lopes (em ordem alfabética).

Anexo 4

ENTREVISTA SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE
6º ano de vida da criança
(baseada em GIDEP/NUDIF - 09/2003)

I. Agora, então, que o teu filho já está com 6 anos, eu gostaria que tu me falasse sobre o teu dia-a-dia com tua criança.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

1. Como tu descreverias o jeito de ser dela? Como é lidar com ela?
2. Era como tu imaginavas? (*se não era*) O que está diferente?
3. Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados da (nome criança)? Como tu te sentes?
4. Que coisas tu mais gostas de fazer com ela? Por quê?
5. Que coisas tu menos gostas de fazer com ela? Por quê?
6. O que tu achas que mais agrada (nome da criança) quando ela está contigo? Por quê?
7. E o que mais a desagrada? Por quê?
8. Tu costumava brincar com (nome criança)? Com que frequência? Do que vocês brincam? Normalmente, quem escolhe a brincadeira? De que ela mais gosta de brincar?
9. O (nome criança) é obediente? O que é mais fácil de ela obedecer? O que é mais difícil?
10. O que é necessário fazeres para que (nome criança) te obedeça?
11. Como é o sono da (nome criança)? Ela dorme bem? É mais agitada, mais tranqüila? Como pega no sono?
12. Como é a alimentação da (nome da criança)? Ela come bem (em quantidade e variedade)? Quem dá a comida par ela?
13. Como foi a retirada de fraldas da (nome da criança)? E, hoje, ela controla bem o cocô e o xixi? Acontece de ela fazer xixi na cama? Com que frequência?
14. Ela usou bico e mamadeira? Ela ainda usa algum deles? Como foi a retirada? Quando isso ocorreu? Como ela reagiu?
15. Como foi o desenvolvimento motor dela? Caminhar, correr, pular...
16. Quando ela falou as primeiras palavras? Vocês lembra qual foi a primeira?

II. A (nome criança) está na escola, né?!

(Caso não tenha mencionado e se a criança foi para a creche)

17. Com que idade ela foi a escola/creche? Como tu te sentiste? Tu tiveste alguma dificuldade nesse período?
18. Como foi a adaptação dela? Ela apresentou alguma dificuldade?
19. Quantas horas ela ficava na creche?
20. Quantas horas ela fica agora na escola? (se fica um turno: Onde ela fica no outro turno? Com quem?)
21. Por que vocês escolheram colocar nessa escola?
22. Em que série ela está agora?
23. Como é o relacionamento dela com os colegas? Ela tem um “melhor amigo”? Ela tem um grupo de amigos?
24. Como ela está indo na escola? Como foram as avaliações ao longo do ano?

III. A (nome da criança) tem irmãos?

25. Como é o relacionamento dela com os irmãos? É mais nova ou mais velha? Quantos são?
26. Eles costumam brincar? Do que eles brincam?
27. Eles brigam? Com que frequência? Qual motivo mais frequente? Como as brigas terminam/se resolvem?

IV. Eu gostaria que tu me falasse um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

28. Como tu estás te sentindo como pai?
29. O que mais te agrada em ser pai?
30. E o que é mais difícil para ti?
31. Em alguns momentos te sentes mais preocupado com (nome criança)? Quais? Tu imaginavas que seria assim?
32. O que mudou para ti agora que és pai de uma criança de 6 anos?
33. Alguma coisa mudou no teu casamento? O que?

34. Alguma coisa mudou na tua vida profissional?
35. Alguma coisa mudou no teu relacionamento com teu pai e tua mãe?
36. Como tu te vês ou te descreves como pai agora?
37. Existe algum modelo de pai que tu segues? Quem? O que consideras positivo neste modelo?
38. Existe algum modelo de pai que tu evitas seguir? Quem? O que consideras negativo neste modelo?
39. Como o teu pai (ou outro cuidador) te cuidava quando tu tinhas 6 anos? O que tu lembras?
E o (nome criança), tu cuidas parecido ou diferente dele?
40. Como tu achas que as pessoas te vêem como pai?

V. Eu gostaria que tu me falasse como tu estás vendo a tua companheira como mãe.

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

41. Como é o jeito dela lidar com (nome criança)?
42. Como tu achas que ele está sendo como mãe? Está sendo como tu imaginavas?
43. Como ela participa nos cuidados com (nome criança)? Que atividades ela realiza? Te sentes satisfeito com a atuação dela?
44. Tu solicitas a ajuda dela nos cuidados com (nome criança)?
45. Como é para ti pedir essa ajuda?
46. Como te sentes quando ela cuida do (nome criança)?
47. O que mais te agrada quando ela cuida do (nome criança)? E o que te incomoda?
48. Quanto tempo ela passa por dia com (nome criança)?
49. Como vocês lidam com a questão das despesas em relação ao (nome criança)? A mãe assumiu alguma despesa? Que outras responsabilidades ela assumiu?
50. Como imaginas que ela te vê como pai?

VI. Eu gostaria que tu me falasse se outras pessoas cuidam da (nome criança).

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

51. Quem costuma cuidar da (nome criança)? Quantas horas esta pessoa fica com (nome criança)? O que elas fazem nesse tempo?
52. A (nome criança) gosta de ficar com essa pessoa? Tu confias nessa pessoa?
53. Tu te sentes apoiado por essa pessoa?
54. O que mais te agrada quando essa pessoa fica com (nome criança)? E o que te incomoda?
Como imaginas que essa pessoa te vê como pai?

Anexo 5

ENTREVISTA SOBRE O RELACIONAMENTO CONJUGAL

1o ano de vida da criança
(GIDEP/NUDIF-UFRGS, 2003)

“Sabemos que após o nascimento de um bebê costuma mudar um pouco o relacionamento do casal”.

1 - Como está a vida de vocês desde o nascimento do bebê?

- Como vocês tem se organizado com os cuidados do bebê?
- Tu divides os cuidados com o teu marido (tua esposa)? O que vocês combinaram?

2- Como tu descreverias o relacionamento de vocês nestes meses após o nascimento do bebê.

- Vocês têm reservado algum tempo só para vocês dois?

Em caso positivo: Com que frequência isto acontece? O que vocês fazem nestes momentos?
É diferente de quando vocês não tinham o bebê? O que mudou?
O que tu achas deste tempo só de vocês?
Tu estás satisfeita(o) com estes momentos?

Em caso negativo: Tu achas que seriam importante alguns momentos só para vocês? Por quê?

3 - Vocês têm expressado carinho um pelo outro?

- Quando é que isto acontece? Como acontece?
- Como está a vida sexual de vocês?
- Tu estás satisfeita(o) com a vida sexual de vocês?
- O desejo sexual está igual ou diferente ao período em que vocês ainda não tinham filho?

Se estiver diferente: O que mudou?

4- Como é a comunicação de vocês? Vocês conversam sobre o que sentem e pensam?

- Tu achas que o teu marido (tua esposa) respeita as tuas opiniões?
- E tu, respeita as opiniões dele(a)?
- Tu se sentes valorizado(a) por ele(a)?
- Em que vocês discordam mais no dia-a-dia? Por que isto acontece?
- Quando ocorre algum problema, vocês têm conseguido conversar sobre ele?
- Vocês costumam ter brigas? Como são? Por que motivos? Com que frequência?
- Como vocês resolvem as brigas? Alguma vez houve agressão física? Como foi?

5- Tu achas que existe algo no relacionamento de vocês que deva ser mudado?

Em caso afirmativo:

- O que tu achas que deve ser mudado?
- O que tu achas que precisaria ser feito para mudar este(s) aspecto(s)?

6- Tem mais alguma coisa que tu gostaria de falar sobre o relacionamento de vocês como casal?

Obs: Participaram da elaboração desta entrevista (em ordem alfabética): Aline Grill Gomes, Cesar A. Piccinini, Cristiane Alfaya, Daniela Schwengber, Giana Frizzo, Iara Sotto Mayor, Laura Prohnaw, Milena da Rosa Silva e Rita Sobreira Lopes.

Anexo 6

ENTREVISTA SOBRE O RELACIONAMENTO CONJUGAL

60 ano de vida da criança

*(baseado em GIDEP/NUDIF-UFRGS, 2003)***1 - Como está a vida de vocês desde nosso último contato? Vocês continuam casados?****Se não estão mais juntos:**

- Como vocês têm se organizado com os cuidados da (nome da criança) atualmente?
- Tu divides os cuidados com o teu ex-marido (tua ex-esposa)? O que vocês combinaram?
- Quem ficou com a guarda? Como são as visitas com (nome de quem não tem a guarda)? Com que frequência ele(a) encontra com a (nome da criança)? Como foram combinadas essas visitas?
- Tu já tens outro(a) companheiro(a)? Como é a relação dele(a) com a (nome da criança)?
- O teu ex-marido (tua ex-esposa) já tem outro(a) companheiro(a)? Como é a relação dele(a) com a (nome da criança)?

Se permanecem casados:

- Como vocês têm se organizado com os cuidados da (nome da criança)?
- Tu divides os cuidados com o teu marido (tua esposa)? O que vocês combinaram?

Continuar demais perguntas somente para casais que permanecem juntos:**2- Como tu descreverias o relacionamento de vocês agora que a (nome da criança) tem 6 anos?**

- Vocês têm reservado algum tempo só para vocês dois?

Em caso positivo: Com que frequência isto acontece? O que vocês fazem nestes momentos?

É diferente de quando vocês não tinham a (nome da criança)? O que mudou?

O que tu achas deste tempo só de vocês?

Tu estás satisfeita(o) com estes momentos?

Em caso negativo: Tu achas que seriam importantes alguns momentos só para vocês? Por quê?**3 - Vocês têm expressado carinho um pelo outro?**

- Quando é que isto acontece? Como acontece?
- Como está a vida sexual de vocês?
- Tu estás satisfeita(o) com a vida sexual de vocês?
- O desejo sexual está igual ou diferente ao período em que vocês ainda não tinham filho?

Se estiver diferente: O que mudou?**4- Como é a comunicação de vocês? Vocês conversam sobre o que sentem e pensam?**

- Tu achas que o teu marido (tua esposa) respeita as tuas opiniões?
- E tu, respeita as opiniões dele(a)?
- Tu se sentes valorizado(a) por ele(a)?
- Em que vocês discordam mais no dia-a-dia? Por que isto acontece?
- Quando ocorre algum problema, vocês têm conseguido conversar sobre ele?
- Vocês costumam ter brigas? Como são? Por que motivos? Com que frequência?
- Como vocês resolvem as brigas? Alguma vez houve agressão física? Como foi?

5- Tu achas que existe algo no relacionamento de vocês que deva ser mudado?*Em caso afirmativo:*

- O que tu achas que deve ser mudado?
- O que tu achas que precisaria ser feito para mudar este(s) aspecto(s)?

6- Tem mais alguma coisa que tu gostaria de falar sobre o relacionamento de vocês como casal?